



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

BAIRRO DA LIBERDADE: A INFLUÊNCIA DE UMA CULTURA MILENAR NA RECONFIGURAÇÃO DE UM BAIRRO

Véra Lúcia de Góes*

1

O presente trabalho se propõe a fazer uma breve reflexão sobre o bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, levando em consideração os aspectos históricos de sua constituição, seu desenvolvimento ao longo do tempo e as transformações que sofreu com a influência da presença dos imigrantes orientais, principalmente japoneses, em sua configuração atual.

PROCESSO HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

O desenvolvimento da Vila de São Paulo foi decorrente de relações naturais, pois começou a ser edificada no Planalto do Piratininga por ser um local alto, que facilitava a visualização dos índios e assegurava a distância das enchentes causadas pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú.

A colonização portuguesa trouxe a missão jesuíta ao Brasil com intenção de catequizar os índios, para estes trabalharem em suas terras. O Pátio começou a ser construído após a celebração da primeira missa de São Paulo de Piratininga, em 25 de

* Doutoranda Universidade Presbiteriana Mackenzie.

janeiro de 1554, celebrada pelos padres Manuel Paiva, Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Logo depois, iniciou-se a construção do Real Colégio de São Paulo de Piratininga, que foi o marco inicial da cidade.

O domínio dos valores religiosos e administrativos contribuíram para a formação da cidade, vilas e bairros, “*os próprios jesuítas abandonaram as normas geométricas no planejamento das suas aldeias, adaptando-se a topografia.*” (MORSE, 1970: 30).

Por volta de 1882, anos após a expulsão dos jesuítas devido à sua oposição ao governo português, o governador Morgado de Matheus fez próximo ao local o Palácio do Governo, que passou a ser chamado o Largo do Palácio, tornando-se o centro das atividades da cidade. Ao seu redor foram sendo construídos a Casa de Fundação, o Solar da Marquesa e a Casa da Ópera. Assim, o Pátio se tornava cada vez mais importante e grande centro urbano, preenchido por feirantes e pelo comércio agitado das redondezas.

A dinâmica de cidade cresceu vertiginosamente e as transformações foram inevitáveis. São Paulo, a vila que passou a cidade em 1711, manteve seu aspecto colonial até por volta de 1870. Nasceu por ser um encontro de caminhos, caracterizando uma “categoria de turismo colonizador” que provocou grandes alterações na dinâmica dos índios que aqui povoavam mudando inclusive seus usos e costumes.

São Paulo apresentou uma lenta transformação urbana durante os séculos XVII e XVIII, como indicam os registros da Câmara Municipal e os registros de viajantes da época. Situada no alto de uma pequena elevação de planta aproximadamente triangular e cercada por barracos e ladeiras, suas casas encostadas umas às outras se voltavam para dentro da área urbana, dando costas para os vales vizinhos do Anhangabaú e Tamanduateí.

O Centro, então, era balizado pelos Conventos de São Francisco, São Bento e do Carmo. As ruas não iam além dos vales dos rios acima citados. Tudo era tão perto que a primeira linha de bonde, puxado por animais, só seria inaugurada em 1872. Porém, um pouco antes, em 1867, o primeiro passo para tirar São Paulo do destino periférico havia sido dado com a inauguração da ferrovia Santos-Jundiaí, que iria ajudar a canalizar para a cidade a riqueza do café, que se expandia pelo Oeste do Estado, e, no sentido contrário, iria trazer milhares de imigrantes estrangeiros.

Em 1892, a construção do Viaduto do Chá terminou, e em 1903, começava a ser erguido o Teatro Municipal, que foi finalizado em 1911. No início da década de 1910, foram apresentados diversos projetos de melhorias para o centro da cidade. Após uma série de discussões, a prefeitura privilegiou as obras de urbanização da região em torno do vale do Anhangabaú. Até a década de 20, o local tornou-se o cartão de visita da cidade, representação simbólica da República. Nesse período, os republicanos se enriqueceram com o café e, assim, como elitistas, adoravam a estética europeia, cosmopolita, mas também ficavam assustados com a modernidade presente na Semana de Arte Moderna de 1922.

Ao longo do último século muitas mudanças ocorreram, transformando a fisionomia da cidade; podemos observar o que foram as fisionomias quando percorremos as ruas do triângulo central. Passamos da velha cidade de taipa, visitando o pátio do Colégio e o Solar da Marquesa, a cidade europeia vendo o edifício Martinelli e a cidade modernista vista no Viaduto do Chá. O crescimento metropolitano se deu através de seus contrastes e sua modernização.

A cidade evoluiu, muitas coisas mudaram, prédios altos e imponentes juntamente com o comércio foram afogando o Pátio. Até que em 1953 começou a demolição do Palácio do Governo, onde foram encontradas paredes de taipa de pilão da época dos jesuítas. O Pátio sobrevive e dispõe do Museu Padre Anchieta.

A cidade de São Paulo de hoje guarda apenas fragmentos de construções poéticas do seu passado histórico. A teia que forma a cidade foi construída por diversos protagonistas dentre eles os imigrantes fazendo que a cidade de São Paulo se transformasse numa mistura de raças e culturas diferentes. Transformou-se em um local de múltiplas sensibilidades, uma metrópole irresistível. Considerando as transformações urbanas da cidade, apresentamos a seguir conteúdos referentes à história dos imigrantes japoneses no Brasil, mais especificamente em São Paulo, no Bairro da Liberdade, bem como seu percurso até a chegada a este bairro temático.

O conhecimento histórico do surgimento da cidade de São Paulo é importante para que pensemos o presente e projetemos o futuro. É necessário que entendamos o que foi a cidade de nossos antecessores, para que tenhamos conhecimento do ambiente

urbano em que vivemos atualmente, das pessoas que habitam e quais as causas e conseqüências que sofreram neste processo de transformação.

O objeto de nossa reflexão, o bairro da Liberdade, está localizado na região central da cidade e, portanto, teve sua expansão limitada.

De acordo com Marco Souza¹,

Dividir a cidade em partes é um dos recursos mais recorrentes de apropriação, prática e teórica, do espaço urbano. Por isso, existem muitos métodos diferentes de acesso ao todo e às frações que compõem qualquer área urbana. Isso acontece, especialmente, quando se trata de classificar e analisar um bairro, que é, em si, uma localidade delimitada como uma suposta estabilidade dentro do perímetro de uma cidade. Mas, apesar do desmembramento em bairros partir de uma espécie de princípio organizador e administrativo, essa separação possui, igualmente, configurações funcionais, morfológicas e concernentes a toda uma estrutura urbana. Algo que está baseado na distinção e na compartimentalização de classes sociais, de diferenciações econômicas, de hábitos sociais e de ações individuais. O próprio bairro é, nesse sentido, uma tentativa de permanência que está apoiada por uma série de significados históricos; e também de significados objetivos e subjetivos.

Dessa forma, o bairro surge, no percurso da urbanização, correspondendo, conseqüentemente, a uma certa espacialização do decurso social da modernidade e sedimentando-se, propriamente, como um aglomerado sociocultural variado, detentor de uma conformidade advinda do contexto de estruturação e do movimento contínuo dos processos gerais das cidades. A cidade é muitas direções, e o bairro é uma baliza precisa e imprecisa do que é estar na cidade como uma parte dela. Assim, cada bairro é um território demarcado e demarcável derivado de conteúdos, simultaneamente, genéricos e específicos, mas, ao mesmo tempo, o bairro é um componente dentro de um outro tipo de territorialidade muito mais ampla que compreende as duas instâncias, distintas e congeminadas, da cidade e do urbano. A percepção da problemática urbana, diante disso, compreende a distinção e a articulação entre a cidade e o urbano. Só que tanto a cidade quanto o bairro representam, em certo sentido, as conseqüências concretas do urbano, mas, os três têm âmbitos próprios e, sintomaticamente, também existem de maneira superposta e nunca independente. Só que mesmo assim, é passível de verificação como os bairros de uma cidade apresentam separações e diferenças claras que fazem com que seja, totalmente, inadequado querer encerrá-los em um único decurso de nascimento, de desenvolvimento, de estabilização e de transformação.

¹ SOUZA, Marco. Imagem Urbana e Identidade Cultural: Expressões midiáticas na comunicação bilíngüe do Bairro da Liberdade. ABEJ PAPERS.

Sob o prisma da espacialidade, torna-se perceptível, então, entender o bairro como um fragmento que é, ao mesmo tempo, mídia e mediação porque representa uma:

Mínima diferença entre espaços sociais múltiplos e diferenciados, ordenados pelas instituições e centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado, o lugar de onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais, etc.) em espaço comum, isto é, geométrico. (LEFEBVRE, 1975: 200).

OS IMIGRANTES JAPONESES EM TERRAS BRASILEIRAS

O navio *Kasato-Maru* partiu do porto de Kobe no Japão e após cinquenta e dois dias aportou em Santos, no Armazém 14, no dia dezoito de Junho de 1908. Chegavam ao Brasil os primeiros trabalhadores japoneses. Segundo os registros da época, eram 781 pessoas entre passageiros e tripulantes, sendo que cada família tinha em média de 4 a 5 componentes, 37 pessoas não faziam parte de nenhuma família, haviam 16 crianças com menos de 12 anos e 8 crianças tinham menos de 1 ano, não havia nenhum idoso e 532 sabiam ler e escrever enquanto 150 eram semi-analfabetos.



Os imigrantes que chegavam ao porto de Santos e posteriormente se dirigiram para São Paulo tinham que assinar um contrato com o Governo de São Paulo e ajustado com a Companhia de Imigração Imperial, que previa regras de imigração. Com exceção das pessoas que vieram como viajantes, a grande maioria era formada por agricultores e

se dirigiram às fazendas de café no interior do Estado de São Paulo. Entre eles havia artesãos, comerciantes e artistas, a maioria *okinawanos*².

Após permanência de alguns dias na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, onde assinavam os contratos de trabalho e recebiam as devidas orientações, tomavam vacinas preventivas e tinham suas bagagens inspecionadas. Eram divididos e enviados às devidas fazendas. (HIRASAKI, nº 113, 2007: 54 - 55)

Inicialmente os imigrantes japoneses causaram muita estranheza por parte dos alfandegários, pois eram completamente diferentes dos outros imigrantes. Tinham paciência ao observar a inspeção com calma e organização nas filas. O problema foi somente na hora de escrever os nomes, pois os funcionários da alfândega não estavam acostumados com nomes tão diferentes e também devido a famílias arranjadas no navio: *“Durante a travessia do oceano, muitos solteiros se agregaram a famílias desconhecidas, já que só era permitido fazer a viagem aquele que compunha um grupo de no mínimo três pessoas, de acordo com o contrato.”* (HIRASAKI, Nº 113. 2007: 55)

Os imigrantes logo descobriram os problemas que tinham que enfrentar e se viram encurralados, porém mantinham viva a esperança de dias melhores. Ouviam histórias de um futuro melhor juntamente com promessas. Um sonho compartilhado não só por imigrantes japoneses, mas por outras etnias que também desembarcaram no Porto de Santos e descobriram que deveriam trabalhar muito e que o prazo para realização deste sonho não era tão curto.

A presença japonesa no bairro da Liberdade começa quando em 1912 os imigrantes japoneses começaram a residir na Rua Conde de Sarzedas, ladeira íngreme, onde na parte baixa havia um riacho e uma área de várzea.

Um dos motivos de procurarem essa rua é que quase todas as casas tinham porões, e os aluguéis dos quartos no subsolo eram incrivelmente baratos. Nesses quartos moravam apenas grupos de pessoas. Para aqueles imigrantes, aquele cantinho da cidade de São Paulo significava esperança por dias melhores. Por ser um bairro central, de lá poderiam se locomover facilmente para os locais de trabalho.

² Pessoas nascidas em Okinawa, ilha do arquipélago japonês.



Região da Liberdade próxima à Rua Conde de Sarzedas

Já nessa época começaram a surgir as atividades comerciais: uma hospedaria, um empório, uma casa que fabricava tofu (queijo de soja), outra que fabricava manju (doce japonês) e também firmas agenciadoras de empregos, formando assim a “rua dos japoneses”.

De acordo com pesquisas realizadas e publicadas, dentre os imigrantes que chegaram ao Brasil pelo *Kasato Maru*, alguns se estabeleceram em São Paulo. Porém, anteriormente a este episódio, já havia na cidade alguns pioneiros nipônicos como Teiji Suzuki, que possuía uma loja de artigos japoneses estabelecida na Rua São Bento, chamada Casa *Fujisaki*, onde trabalhavam Tokuji Sato e Takeo Goto. Era a filial de uma casa comercial da cidade de Sendai - Japão.

Katsunori Wakisaka³, diretor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, afirma que estava estimada em trezentos e vinte e seis mil pessoas a população de japoneses e seus descendentes na cidade de São Paulo, segundo levantamento feito pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros em 1988. Naquele momento já era o maior número de japoneses fora do Japão. São cerca de 500 mil imigrantes e descendentes.

Em 1915 foi fundada a Taisho Shogakko (Escola Primária Taisho), que ajudou na educação dos filhos de japoneses, então em número aproximado de 300 pessoas.

Em 1932 eram cerca de 2 mil os japoneses na cidade de São Paulo. Eles vinham diretamente do Japão e também do interior, após encerrarem o contrato de trabalho na lavoura. Todos vinham em busca de uma oportunidade na cidade. Cerca de

³ WAKISAKA, Katsunori. *Imigrantes japoneses na cidade de São Paulo*. In: OI, Célia Abe (Coord.)

600 japoneses moravam na rua Conde de Sarzedas. Outros moravam nas ruas Irmã Simpliciana, Tabatinguera, Conde de Pinhal, Conselheiro Furtado, Tomás de Lima (Hoje Mituto Mizumoto), onde em 1914 foi fundado o Hotel Ueji, pioneiro dos hotéis japoneses em São Paulo, e dos Estudantes. Os japoneses trabalhavam em mais de 60 atividades, mas quase todos os estabelecimentos funcionavam para atender a coletividade nipo-brasileira.

Nos período da Segunda Guerra Mundial, no entanto, os imigrantes sofreram sanções pesadas do Governo Brasileiro, uma vez que o Japão tinha se colocado ao lado dos países do Eixo. Chegaram até mesmo a ser expulsos da rua Conde de Sarzedas. A situação só voltou ao normal após a rendição do Japão.

Em 12 de outubro de 1946 foi fundado o jornal São Paulo Shimbun, o primeiro no pós-guerra entre os nikkeis. Em 1º de janeiro de 1947 foi a vez do Jornal Paulista. No mesmo ano foi inaugurada a Livraria Sol (Taiyodo), ainda hoje presente no bairro da Liberdade, que passa a importar livros japoneses através dos Estados Unidos. A agência de viagens Tunibra, inicia as atividades no mesmo ano. Uma orquestra formada pelo professor Masahiko Maruyama faz o primeiro concerto do pós-guerra em março de 1947, no auditório do Centro do Professorado Paulista, na Avenida da Liberdade.

Em 23 de julho de 1953, Yoshikazu Tanaka inaugurou na rua Galvão Bueno um prédio de 5 andares, com salão, restaurante, hotel e uma grande sala de projeção no andar térreo, para 1.500 espectadores, batizado de Cine Niterói. Eram exibidos semanalmente filmes diferentes produzidos no Japão, para o entretenimento dos japoneses de São Paulo. A rua Galvão Bueno passa a ser o centro do bairro japonês, crescendo ao redor do Cine Niterói, tendo recebido parte dos comerciantes expulsos da rua Conde de Sarzedas. Era ali que os japoneses podiam encontrar um cantinho do Japão e matar saudades da terra natal. Na sua época áurea, funcionavam na região os cines Niterói, Nippon (na rua Santa Luzia – atual sede da Associação Aichi Kenjin kai), Jóia (na praça Carlos Gomes – hoje igreja evangélica) e Tokyo (rua São Joaquim – também igreja).

Em abril de 1964 foi inaugurado o prédio da Associação Cultural Japonesa de São Paulo (Bunkyô) na esquina das ruas São Joaquim e Galvão Bueno. O ano de 1968 representou novo período de mudanças no bairro. A Diagonal Leste-Oeste obrigou o

Cine Niterói, marco inicial da prosperidade do bairro, a se mudar para a esquina da Avenida Liberdade com a Rua Barão de Iguape. A Rua Conselheiro Furtado, que era estreita, foi alargada, diminuindo a força comercial do local. Além disso, com a construção da Estação Liberdade do metro, na década de 70, alguns pontos comerciais da Rua Galvão Bueno e da Avenida Liberdade desapareceram. Graças à iniciativa da Associação da Liberdade, o bairro recebeu decoração no estilo oriental, com a instalação de lanternas *suzurantō*.

Com o objetivo de modificar a aparência do bairro, as fachadas dos prédios foram remodeladas e os estabelecimentos trocaram as antigas placas por letreiros bilíngües. A Rua Galvão Bueno recebeu um imenso portal no Viaduto Cidade de Osaka e o bairro da Liberdade ganhou a aparência de uma região que tem mais cara de Japão do que muitos bairros japoneses dos dias atuais.



Lanternas *suzurantō*



Portal no Viaduto Cidade de Osaka

Em 28 de janeiro de 1974, a Associação de Confraternização dos Lojistas passou a ser chamada oficialmente de Associação dos Lojistas da Liberdade. Seu primeiro presidente, Tsuyoshi Mizumoto, buscou a caracterização do bairro oriental. A Feira Oriental passou a ser organizada nas tardes de domingo, com barracas de comida típica e de artesanato, na Praça da Liberdade. No dia 18 de junho de 1978, por ocasião da comemoração dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil, iniciou-se a prática do Rádio Taissô, na Praça da Liberdade. São dezenas de pessoas que fazem uma sessão diária de ginástica.

Nas décadas de 1980 e 1990, pequenas mudanças ocorreram no bairro. As casas noturnas foram gradativamente substituídas por *karaokês*, uma nova mania que começava a tomar conta do bairro. Atualmente, o local é conhecido como um bairro turístico. A Rua Galvão Bueno, Rua São Joaquim e a Praça da Liberdade são pontos do bairro que transmitem melhor a presença japonesa. O bairro atrai muitos japoneses e nipobrasileiros pelo comércio de roupas, alimentos, utensílios, festas típicas, entre outros, atraindo também não nipodescendentes.

Apesar do bairro da Liberdade estar ligado principalmente aos japoneses, aos poucos a colônia têm se mudado para outras regiões da cidade. Mas o lugar ainda permanece como ponto turístico quando se fala no único local, em pleno Brasil, que tenta reproduzir o Japão. Atualmente os comerciantes não são mais exclusivamente japoneses, mas também há a presença de coreanos e chineses que se fixaram no bairro, como fizeram os primeiros imigrantes muitos anos atrás.

Curiosamente a cultura oriental se estabeleceu em local bastante próximo ao coração da cidade de São Paulo e modificou a região alterando hábitos e costumes dos paulistanos. Sua grande influência é reconhecida na culinária, arquitetura (de interior e exterior), artesanato, dança, música, desenho além da presença expressiva internacional de artistas plásticos como Mabu Mabe e Tomie Othake.

Atualmente o bairro abriga não só japoneses mas também demais asiáticos, como coreanos e chineses.



VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Marcos. *Imagem Urbana e Identidade Cultural: Expressões Midiáticas na Comunicação Bilingue do Bairro da Liberdade*. São Paulo: Abej Papers, abril 2008.

FERRAZ, Aliny de Souza. *Tanabata Matsuri: Evento como meio de valorização da cultura japonesa – Bairro da Liberdade/São Paulo – SP*. TCC Unesp, 2011.

BASTOS, Sênia. *Nosso Patrimônio Cultural: uma metodologia de pesquisa*. São Paulo: Pasos, Universidade Anhembi Morumbi, 2004.

SANTOS DE MATOS, Maria Izilda. *Além mar: entre o lar e o balcão. Portugueses em São Paulo*. Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. www.pucsp.br/revistacordis.

MOREIRA, Luciana C.; SIQUEIRA, Euler D. *Turismo, Cultura e Festa: um estudo de caso sobre a construção social da hospitalidade no Tanabata Matsuri*. WWW.eca.usp.br/turismocultural, número especial. 2008.

MOÏSI, Dominique. *A geopolítica das emoções. Como as culturas do Ocidente, do Oriente e da Ásia estão remodelando o mundo*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.